

Se o bento



O PADRE CÍCERO ECOLÓGICO

MAURÍCIO WALDMAN



**EDITORA KOTEV
SÉRIE MEIO AMBIENTE 5**

O PADRE CÍCERO ECOLÓGICO ¹

MAURÍCIO WALDMAN ²

É voz corrente que o meio ambiente está em perigo. Mais ainda, que a adoção de medidas visando solucionar esta pendência são urgentes e inadiáveis.

O que ninguém diz é que advertências deste tipo foram enunciadas outrora por vários personagens que frequentam as páginas dos livros de História do Brasil.

Considere-se que a percepção dos riscos ambientais, costumeiramente identificados como específicos do mundo contemporâneo, podem ser apontados em contextos do passado do nosso país.

Pois então, podemos recordar, por exemplo, os protestos visionários do Frei Vicente do Salvador (1564-1636), que em pleno Século XVI alertava quanto à destruição da natureza.

Retenha-se que nos primeiros momentos da colonização do Brasil, este religioso franciscano já condenava o mau uso do solo e as consequências nefastas que isto acarretaria para o meio natural e às comunidades em geral.

Existe também uma eloquente manifestação em prol da conservação dos recursos naturais provenientes da pena de ninguém menos que José Bonifácio de Andrada e Siva (1763-1838), o célebre Patriarca da Independência.

Embora pouco lembradas, as considerações do famoso estadista são prenes de pleno interesse ambiental. Acompanhemos prognóstico de sua lavra datado de 1823:

“A Natureza fez tudo a nosso favor. Nós porém, pouco ou nada temos feito a favor da Natureza. Nossas preciosas matas vão desaparecendo, vítimas do fogo e do machado destruidor da ignorância e do egoísmo. Nossos montes a encostas vão-se escalvando diariamente. E com o andar do tempo, faltarão as chuvas fecundantes que favoreçam a vegetação e alimentem nossas fontes e rios. Sem o que o nosso belo Brasil, em menos de dois séculos, ficará reduzido aos desertos áridos da Líbia. Virá então este dia

- dia terrível e fatal - no qual em que a ultrajada natureza se ache vingada de tantos erros e crimes cometidos”.

Como é possível notar, não há como julgar pronunciamentos realizados no passado como equivocados ou levianos. Pelo contrário, estes anteciparam cenários que hoje sinalizam, caso nada seja feito, tanto para a devastação da natureza brasileira quanto o colapso da biosfera terrestre.

Todavia, se ao menos ícones como José Bonifácio são recordados esporadicamente, o que não se discute de modo algum é sobre personalidades relacionadas com paisagens naturais que desfrutam de interesse marginal por parte da opinião pública.

Como se sabe, os formadores de opinião do centro-sul do país seguem magnetizados por determinados cenários naturais. Sendo claro e direto, existe muita informação sobre os problemas que açodam a Mata Atlântica e a Amazônia, ambas constituindo paisagens naturais brindadas com enorme prestígio simbólico por parte da opinião pública urbana.

Contudo, qual é a relevância no noticiário sobre as problemáticas ambientais que digam respeito a paisagens como a Caatinga do Nordeste? Não há como negar: não se fala absolutamente nada a este respeito.

No final das contas, no imaginário brasileiro a Caatinga é uma espécie de “nada”, de um “lugar nenhum”. Trata-se de um espaço que se confunde com a dimensão de um *deserto*, inferência de resto bastante cultivada pela cinematografia, documentários da televisão e pelas novelas.

Mas, nada mais falso e incorreto. Em primeiro lugar, *peço fato dos desertos não serem propriamente espaços carentes de vida*. Mesmo numa escala reduzida, nos desertos a fauna e a flora desafiam um ambiente hostil, persistindo sob condições extremas.

Ademais, seria digno de menção que as áreas ditas desérticas, decorrentes da ação humana, não têm nada em comum com os desertos naturais. Resumindo: somente os desertos humanos constituem paisagens efetivamente estéreis, áreas autenticamente carentes de vida no pleno sentido etimológico da palavra.

Aliás, advertem os geógrafos, o que a leitura leiga entende como desertificação não passa, na realidade, *de um processo de arenização*. Em suma: arenizar um ambiente

incorre na transformação radical do meio natural, metamorfoseado numa paisagem cabalmente árida, despojada de animais e vegetais, domínio exclusivo de incontáveis grãos de areia. Nem mais, nem menos.

Em segundo lugar, *recordemos que a Caatinga pura e simplesmente não é um deserto*. Longe disso, trata-se de um verdadeiro bastião da biodiversidade, destacando-se no cenário brasileiro e quiçá, no mundial.

Os brasileiros igualmente parecem esquecer que a Caatinga é, no final das contas, o *único bioma exclusivamente nacional*. Em outras palavras: trata-se de um patrimônio biológico que não é encontrado em nenhum outro país do Planeta.

Argumentando em números, a Caatinga ocupa um vasto espaço: aproximadamente 750.000 km², algo como 12% do território nacional. Esta formação natural engloba imensos sertões do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Sergipe, Pernambuco, Maranhão, Alagoas, Bahia e da parte do Norte do Estado de Minas Gerais.

No Brasil, a Caatinga está institucionalmente incorporada às áreas susceptíveis aos ditos processos “de desertificação”, que no Nordeste, se estendem por mais de um milhão de km².

Esta região, definida como *Polígono das Secas*, abriga uma numerosa população rural, que está dentre as mais pobres do país. Seus índices de qualidade de vida estão muito abaixo da média nacional e conseqüentemente, são altamente vulneráveis diante da degradação ambiental.

Com base neste pano de fundo, é perfeitamente cabível questionar a probabilidade do processo de degradação da Caatinga ter passado a olhos vistos da população local, assim como dos interlocutores que se pronunciaram sobre esta região.

É neste contexto que faz pleno sentido recordar a atuação do Padre Cícero Romão Batista, ou então, do *Padim Ciço*, como a ele carinhosamente se refere a população sertaneja.

Reconhecidamente, o Padre Cícero, nascido na cidade do Crato em 24 de março de 1844 e falecido em Juazeiro do Norte aos 20 de Julho de 1934, portanto gozando de 90 anos bem vividos no Estado do Ceará, se notabilizou de tal modo que se tornou de registro obrigatório na memória popular nordestina.

Neste sentido, seria meritório avaliar os motivos pelos quais o Padre Cícero se tornou personagem central na religiosidade sertaneja. Obviamente, a atuação do *Padim Ciço* junto à população do sertão foi certamente marcante, justificando que se tornasse objeto de verdadeira veneração.

Uma verdade se impõe: o povo do Nordeste informalmente o elevou, a revelia do próprio Vaticano, à condição de santo. Portanto, algo de sedutor este homem soube cativar. Que o digam as multidões deromeiros que seguem para Juazeiro do Norte para louvar a memória do *Padim Ciço* (Figura 1).



FIGURA 1: O monumento erguido em Juazeiro do Norte (CE), em homenagem ao Padre Cícero é um dado emblemático da devoção dos nordestinos ao religioso. Construído em 1969 no local onde o *Padim* fazia seus retiros espirituais, a estátua, com 27 metros de altura, é o epicentro da maior romaria popular da América Latina, chegando a reunir 300 mil fiéis (Foto: < <http://www.tvpadrecicero.com.br/noticias> >. Acesso: 05-02-2018).

Assim sendo, independentemente de ser um personagem polêmico, marginalizado por setores do catolicismo formal e estigmatizado por grupos politicamente engajados, que não perdoam a participação do pároco no combate à Coluna Miguel Costa, resta aferir o que nos informa a boa bibliografia.

Dado inquestionável, muitas informações certificam Padre Cícero como um profundo conhecedor do sertão, das suas venturas e desventuras. Tratava-se a toda vista de um hábil conhecedor do terreno, do solo nordestino, das suas gentes, da sua cultura e da relação que mantinham com o meio ambiente regional.

Assim, avaliando as andanças do vigário pela geografia do Nordeste, torna-se possível compreender não só a devoção dos nordestinos pelo seu *Padim Ciço*, como também - no que pode surpreender a muitos - a apurada e amistosa relação do personagem com o meio natural da região.

De fato, o *Padim Ciço* era um conhecedor instintivo do semiárido. Suas observações, respaldaram uma série de conselhos para a população pobre sobre como tirar melhor proveito do ambiente e garantir práticas atualmente carimbadas como sustentáveis, juízos que respaldaram sua popularidade no meio camponês do Nordeste.

Eleito em enquete realizada pela rede de televisão SBT em parceria com a BBC como um dos “100 maiores brasileiros de todos os tempos”, existiram, por certo, razões de sobra para que o Padre Cícero passasse a morar no fundo do coração de milhões de nordestinos carentes.

Vejamos, então, o que relata o historiador cearense Daniel Walker Almeida Marques, que em seu brilhante trabalho *O Pensamento Vivo do Padre Cícero*, nos esclarece a respeito do notável elenco de prédicas ecológicas que não seriam em nada devedoras ao moderno ambientalismo. Acompanhem, pois o que pregava o bem-amado *Padim Ciço*:

- . **Não derrube o mato nem mesmo um só pé de pau** (Ou seja, preserve as matas!).
- . **Não toque fogo no roçado nem na caatinga** (Isto é: não esterilize o solo).
- . **Não cace mais e deixe os bichos viverem** (Em outras palavras, que todos acatem o mandamento divino de garantir a persistência da vida).
- . **Não crie o boi e nem o bode soltos; faça cercados e deixe o pasto descansar para se refazer** (Dito de modo técnico, circunscrever o criadouro e obedecer aos ciclos da natureza, em especial o mandamento bíblico consignado no Livro do Deuteronômio, que prega o descanso da natureza).

- . **Não plante em serra acima, nem faça roçado em ladeira muito em pé** (Como qualquer gestor ambiental aconselharia, mantenhamos a vegetação das cumeeiras, dica que mantém completa atualidade).
- . **Deixe o mato protegendo a terra para que a água não a arraste e não se perca a sua riqueza** (Ora, que tal entender os segredos da topografia e da vegetação para afastar o perigo da erosão?).
- . **Faça uma cisterna no oitão de sua casa para guardar água de chuva** (Traduzindo em boa tecnologia, aproveitar a parede da casa para captar o caimento das águas pluviais e reservá-la).
- . **Represe os riachos de cem em cem metros, ainda que seja com pedra solta** (Trata-se de uma sábia consideração hidrológica: devemos induzir a infiltração da água, para que seja possível ter água no poço e é claro, para a roça).
- . **Plante cada dia pelo menos um pé de algaroba, de caju, de sabiá ou outra árvore qualquer, até que o sertão seja uma mata só** (Existe melhor incentivo do que este para o florescimento e expansão da flora da Caatinga?).
- . **Aprenda a tirar proveito das plantas da Caatinga, tais como a maniçoba, a favela e a jurema; elas podem ajudar a conviver com a seca** (Pois bem, por que não tirar proveito do que a própria natureza da região se prontificou generosamente a oferecer? Que tal levar em consideração o ambiente em que vive?).

Entretanto, sabiamente o beato do sertão não se limitou a indicar como fazer o meio ambiente ser preservado, frutificando e expandindo seus benefícios. Ele olhava longe e entendeu que algo poderia acontecer de errado caso os homens não obedecessem os ciclos da natureza. Assim, também advertiu o *Padim Ciço*:

- . **Se o sertanejo obedecer a estes preceitos, a seca vai aos poucos se acabando, o gado melhorando e o povo terá sempre o que comer.**
- . **Mas, se não obedecer, dentro de pouco tempo o sertão todo vai virar um deserto só.**

Como fica claro, o desprezo que alguns círculos alimentam por expoentes e expressões da religiosidade tradicional, tais como o Padre Cícero, que teria ainda como agravante

a forte vinculação emocional de populações pobres e excluídas para com sua atuação, não pode desmerecer o conhecimento que pessoas simples do povo auferem com humildade na convivência íntima com espaços de vida que ocupam por gerações sem conta.

Torcer o nariz é sumamente um ato denunciativo. Ninguém coloca em questão as contradições que humanamente rondavam a figura do Padre Cícero nos embates que manteve com as autoridades religiosas, poderes econômicos e movimentos políticos.

Todavia, a contradição é um adendo permanente na condição humana e caso alguém deseje contestar tal afirmação, é suficiente se manifestar, preferencialmente de modo imediato!

No mais, o que de fato se coloca é como tirar proveito das lições que o ambiente nos fornece, informa e acalenta. Com ou sem contradições, tanto faz.

Trata-se de algo que o iluminado pedantismo diplomado está solenemente distante de conhecer e principalmente, de reconhecer.

1 **O Padre Cícero Ecológico** constituiu tema primeiramente desenvolvido na Tese de Doutorado em Geografia Humana do autor (USP, 2006). Posteriormente, foi publicado na forma de reportagem para público amplo na Coluna do Waldman (Site Cultura Verde!, Agosto 2009). A presente edição deste texto foi masterizada em 2018 pela **Editora Kotev** (Kotev ©) para fins de acesso livre na Internet. **O Padre Cícero Ecológico** incorpora revisão ortográfica com base nas regras vigentes quanto à norma culta da língua portuguesa, cautelas de estilo, repaginação normativa e normatizações editoriais inerentes ao formato PDF, também permitindo consulta em aparelhos celulares. A confecção da edição digital contou com a Assistência de Editoração Eletrônica, Pareceres Técnicos e Tratamento Digital de Imagens do *webdesigner* Francesco Antonio Picciolo, Contato E-mail: francesco_antonio@hotmail.com, Home-page: www.harddesignweb.com.br. Anote-se que editorialmente, o texto de **O Padre Cícero Ecológico** é um material gratuito, sendo vedada qualquer forma de reprodução comercial e igualmente, de divulgação sem aprovação prévia da **Editora Kotev** (Kotev©). A citação de **O Padre Cícero Ecológico** deve obrigatoriamente incorporar referências ao autor, texto e apensos editoriais conforme padrão modelar que segue: WALDMAN, Maurício. *O Padre Cícero Ecológico*. Série Meio Ambiente Nº. 5. São Paulo (SP): Editora Kotev. 2018.

2 **Maurício Waldman** é antropólogo, jornalista, pesquisador acadêmico e professor universitário. Militante ambientalista histórico do Estado de São Paulo, Maurício Waldman somou a esta trajetória experiências institucionais na área do meio ambiente e uma carreira acadêmica diversificada, com contribuições nas vertentes da antropologia, geografia e sociologia. Antigo colaborador do líder seringueiro Chico Mendes, ativista de movimentos em defesa da Represa Billings e um dos veteranos da Assembleia Permanente de Entidades em Defesa do Meio Ambiente (APEDEMA, SP), Waldman foi elencado no ano de 2003 em enquete do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP) como um dos trinta ambientalistas históricos do Estado de São Paulo. Nos anos 1990, participou no CEDI (Centro Ecumênico de Documentação e Informação) e em diversas entidades ecológicas, dentre as quais o Comitê de Apoio aos Povos da Floresta de São Paulo. No plano institucional, Waldman foi Coordenador de Meio Ambiente em São Bernardo do Campo (SP) e Chefe da Coleta Seletiva de Lixo na capital paulista. Foi colunista, articulista e/ou colaborador da Agência Ecumênica de Notícias (AGEN), do jornal Diário do Grande ABC, Folha de São Paulo (Seção do Grande ABC), revista Tempo & Presença, site da Editora Cortez, boletim Linha Direta, revista Teoria & Debate, revista Ambiente Urbano, site do Prof Assessoria em Educação, site Cultura Verde, Secretaria de Comunicação de São Bernardo do Campo, jornal O Imparcial e da revista Brasil-África Magazine. Autor/coautor de 18 livros, 26 *e-books* e de mais de 700 artigos, textos acadêmicos e pareceres de consultoria, Maurício Waldman escreveu, dentre outras obras, *Ecologia e Lutas Sociais no Brasil* (Contexto,

1992) e *Antropologia & Meio Ambiente* (SENAC, 2006), primeira obra brasileira no campo da antropologia ambiental. Maurício Waldman é graduado em Sociologia (USP, 1982), licenciado em Geografia Econômica (USP, 1983), Mestre em Antropologia (USP, 1997), Doutor em Geografia (USP, 2006), Pós Doutor em Geociências (UNICAMP, 2011), Pós Doutor em Relações Internacionais (USP, 2013) e Pós Doutor em Meio Ambiente (PNPD-CAPES, 2015).

Mais Informação:

Portal do Professor Maurício Waldman: www.mw.pro.br;

Maurício Waldman - Textos Masterizados: <http://mwtextos.com.br/>

Currículo Lattes-CNPq: <http://lattes.cnpq.br/3749636915642474>;

Biografia Wikipédia: http://en.wikipedia.org/wiki/Mauricio_Waldman.

Email: mw@mw.pro.br

CONHEÇA A SÉRIE MEIO AMBIENTE



<http://mwtextos.com.br/serie-meio-ambiente/>



Os debates sobre **MEIO AMBIENTE** são um pilar central de atuação da EDITORA KOTEV, publicadora digital que entrou em atividades no ano de 2016. Também trabalhamos com temas relacionados com **RELAÇÕES INTERNACIONAIS, AFRICANIDADES, CARTOGRAFIA, ANTROPOLOGIA e EDUCAÇÃO POPULAR.**

Saiba mais sobre a EDITORA KOTEV. Acesse nossa página:
<http://kotev.com.br/>

Qualquer dúvida nos contate. Estamos à disposição para atendê-lo:
atendimento@kotev.com.br